

O ANDAMENTO DOS PROJETOS (ATAOB) ATLAS TOPO- NÍMICO DA AMAZÔNIA OCIDENTAL BRASILEIRA E (A- TEC) ATLAS TOPONÍMICO DO ESTADO DO CEARÁ

Alexandre Melo de Sousa (UFAC)
alex-uece@bol.com.br

PREPARANDO O TERRENO: CONSIDERAÇÕES GERAIS

O homem, ao fazer uso de sua capacidade lingüística para nomear os espaços geográficos, estabelece relações consigo próprio e com os outros membros da sociedade. No primeiro caso, porque se utiliza do conhecimento que possui sobre a realidade circundante para nomear o lugar e, no segundo caso, porque o designativo atribuído transmite o real significado nele contido. Assim, a análise da cultura e do conjunto de valores de uma sociedade exige, antes de tudo, um estudo centrado na língua - já que é através dela que são revelados os pensamentos e os costumes dos diferentes povos. A língua "traduz toda uma cultura, traduz todo um universo peculiar com suas implicações psicológicas e filosóficas que é preciso alcançar para enriquecimento da experiência" (Borba, 1984, p. 07). Exemplo disso é o estudo dos designativos escolhidos pelos grupos sociais para nomear o espaço e os elementos físico-geográficos que os cerca. A disciplina que se ocupa do estudo de nomes próprios de lugares é a *Toponímia*.

Cabe à Toponímia estudar a procedência da significação dos nomes dos lugares, levando em consideração aspectos geo-históricos, socioeconômicos e antropro-lingüísticos que tenham influenciado sua escolha. Portanto, o campo de investigação toponímica não se limita ao aspecto lingüístico ou etimológico.

Pelo exposto é possível perceber a mudança, ou melhor, a evolução por que passou a concepção do escopo toponímico: num primeiro momento a Toponímia era vista como um "contingente de dados", "de valor muito mais estatístico que significativo", cujos elementos constituintes "eram vistos como unidades em si, autônomas e independentes, sem uma coesão interna". Atualmente, o topônimo perdeu seus traços conteduísticos vazios, deixando transparecer descrições de uma "realidade particularizante, específica de um lugar" (Dick, 1995, p. 872).

Portanto, é possível afirmar que os signos toponímicos, tal como os fósseis, "constituyen uno de los rastros más claros, elocuentes y firmes de los distintos grupos étnicos que se han asentado en uno país" e permitem conhecer os mais antigos estratos da formação cultural de um povo (Arias, 2004, p. 10).

Neste trabalho objetivamos dar notícias de dois amplos projetos em desenvolvimento sob nossa coordenação: o Atlas **Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira** e o **Atlas Toponímico do Estado do Ceará** (este último, sem vínculo institucional).

TOPÔNIMO E MOTIVAÇÃO TOPONÍMICA

A Toponímia, como esclarecemos antes, possui como eixo central de seus estudos o signo toponímico (nome próprio de lugar), que é o signo lingüístico na função de indicador ou identificador de um espaço (acidente) geográfico. Nessa função, segundo Dick (1980, p. 290), o topônimo representa "uma projeção aproximativa do real, tornando clara a natureza semântica (ou transparência) de seu significado".

Para Isquerdo (1997, p. 33) a busca da motivação no signo toponímico não é tão simples. A pesquisadora reconhece essa complexidade afirmando que: [...] a diversidade de influências culturais na formação étnica da população, como também, as especificidades físicas de cada região tornam dificultosa toda tentativa de explicação das fontes geradoras dos nomes de lugares e de acidentes geográficos.

Em vista disso, o esclarecimento da origem de determinados topônimos fica na dependência da recuperação, não raras vezes, de fatores extralingüísticos como as características geo-sócio-econômicas de uma região e, conseqüentemente, as marcas étnicas e sociais da população habitante em tal espaço físico-cultural.

Acrescenta Sousa (2007a, p. 36), apoiado em Dick (1992), que a motivação toponímica possui um duplo aspecto que transparece em dois momentos: "primeiramente, na intencionalidade do denominador ao selecionar o nome, na qual concorreriam circunstâncias de ordem objetiva ou subjetiva", e em seguida na origem semân-

tica da nomeação, no significado intrínseco a ela, que se revela de modo transparente ou opaco, apontando para as mais diversas origens.

Assim, considerando-se o nome próprio [de lugar] como fato da língua (como um signo lingüístico que identifica e guarda uma significação precisa de aspectos físicos ou antro-po-culturais), o estudo toponomástico servirá como fonte de conhecimento da língua falada numa dada região e como recuperação de fatos físico-geográficos e/ou sócio-histórico-culturais, em parte ou em sua totalidade, por que passaram os povos que habitaram temporária ou definitivamente a região pesquisada.

Desse modo, no ato de nomeação, mecanismo influenciado externamente ou subjetivamente, deixa transparecer nos topônimos pistas semânticas das mais diferentes procedências, tornando perceptível um estreito vínculo entre o objeto denominado e seu denominador.

SINTAGMA TOPONÍMICO: CATEGORIAS TRADICIONAIS E CONTRIBUIÇÕES

O sintagma topônimo apresenta-se em formas e funções variadas. Estruturalmente, de acordo com Dick (1990, p. 10), o topônimo compreende dois elementos: o termo (elemento) genérico e o termo (elemento) específico.

O primeiro corresponde ao nome do próprio acidente geográfico que será denominado; e o segundo, corresponde ao elemento que identifica, singulariza o acidente. Por exemplo, no sintagma Seringal Alagoas: Seringal é o termo genérico e Alagoas, o específico.

O aspecto funcional do sintagma toponímico, por sua vez, constitui sua principal característica. Em Dick (1990, p. 367), são apresentados os princípios teóricos de análise toponímica e uma discussão sobre dois planos de investigação – o diacrônico e o sincrônico – considerando que a investigação no âmbito do segundo plano, permite “o exame das séries motivadoras, que conduziram à elaboração das taxes toponímicas, vinculadas, de modo genérico, aos campos físico e antro-po-cultural”.

Em outra obra, Dick (1992), a pesquisadora apresenta uma reformulação do modelo de classificação taxionômica para os topôni-

mos – o primeiro modelo foi apresentado em Dick (1975) –, contemplando 27 (vinte e sete) taxes: 11 (onze) relacionadas com o ambiente físico – *Taxionomias de Natureza Física* –, e 16 (dezesseis) relacionadas com os aspectos sócio-histórico-culturais que envolvem o homem – *Taxionomias de Natureza Antropo-Cultural*. As referidas categorias taxionômicas são descritas e exemplificadas nos quadros a seguir:

Quadro 01: Taxionomias de Natureza Física

	CATEGORIA	DEFINIÇÃO	EXEMPLO
01	Astrotopônimos	topônimos relativos aos corpos celestes em geral	Cruzeiro do Sul (AC)
02	Cardinotopônimos	topônimos relativos às posições geográficas em geral	Avenida Leste-Oeste (CE)
03	Cromotopônimos	topônimos relativos à escala cromática	Igarapé Preto (AC)
04	Dimensiotopônimos	topônimos relativos às dimensões dos acidentes geográficos	Barra Longa (MG)
05	Fitotopônimos	topônimos relativos aos vegetais	Flores (PE)
06	Geomorfotopônimos	topônimos relativos às formas topográficas	Morros (MA)
07	Hidrotopônimos	topônimos relativos a acidentes hidrográficos em geral	Cachoeirinha (RS)
08	Litotopônimos	topônimos relativos aos minerais ao à constituição do solo	Areia (PB)
09	Meteorotopônimos	topônimos relativos a fenômenos atmosféricos	Chuvisca (RS)
10	Morfotopônimos	topônimos relativos às formas geométricas	Volta Redonda (RJ)
11	Zootopônimo	topônimos referentes aos animais	Cascavel (CE)

Fonte: Sousa (2007).

Quadro 02: Taxionomias de Natureza Antropo-Cultural

	CATEGORIA	DEFINIÇÃO	EXEMPLO
01	Animotopônimos (ou Nootopônimos)	topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual	<i>Vitória (ES)</i>
02	Antropotopônimos	topônimos relativos aos nomes próprios individuais	<i>Barbosa (SP)</i>
03	Axiotopônimos	topônimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais	<i>Coronel Ezequiel (RN)</i>
04	Corotopônimos	topônimos relativos a nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes	<i>Seringal Quixadá (AC)</i>
05	Cronotopônimos	topônimos relativos aos indicadores cronológicos representados pelos adjetivos novo(a), velho(a)	<i>Nova Aurora (GO)</i>
06	Ecotopônimos	topônimos relativos às habitações em geral	<i>Chalé (MG)</i>
07	Ergotopônimos	topônimos relativos aos elementos da cultura material	<i>Jangada (MT)</i>
08	Etnotopônimos	topônimos relativos aos elementos étnicos isolados ou não (povos, tribos, castas)	<i>Capixaba (AC)</i>
09	Dirrematopônimos	topônimos constituídos de frases ou enunciados lingüísticos	<i>Passa e Fica (RN)</i>
10	Hierotopônimos	topônimos relativos a nomes sagrados de crenças diversas, a efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto	<i>Capela (AL)</i>
	Hagiotopônimos: nomes de santos ou santas do hagiológico católico romano		<i>Santa Luzia (BA)</i>
	Mitotopônimos: entidades mitológicas		<i>Exu (PE)</i>
11	Historiotopônimos	topônimos relativos aos movimentos de cunho histórico, a seus membros e às datas comemorativas	<i>Plácido de Castro (AC)</i>
12	Hodotopônimos	topônimos relativos às vias de comunicação urbana ou rural	<i>Ponte Alta (SC)</i>
13	Numerotopônimos	topônimos relativos aos adjetivos numerais	<i>Dois vizinhos (PR)</i>
14	Poliotopônimos	topônimos relativos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial	<i>Vila Nova do Mamoré (RO)</i>
15	Sociotopônimos	topônimos relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro da comunidade, aglomerados huma-	<i>Pracinha (SP);</i>

		nos	
16	Somatopônimos	topônimos relativos metaforicamente às partes do corpo humano ou animal	<i>Braço do Trombudo (SC).</i>

Fonte: Sousa (2007).

É importante assinalar, ainda, as contribuições que outro pesquisadores brasileiros oferecem à proposta classificatória de Dick (1992). Isquierdo (1996), por exemplo, propõe uma subclassificação para a taxa dos animotopônimos:

- (a) **animotopônimos eufóricos** (marca uma impressão agradável, otimista, ex. Seringal Alegria), e;
- (b) **animotopônimos disfóricos** (marca uma impressão desagradável, ex. Seringal Solidão).

Lima (1998), por sua vez, apresenta uma subdivisão para os hagiotopônimos:

- (a) **hagiotopônimos autênticos** (nomes de inspiração religiosa, ex. Colocação São Mateus), e;
- (b) **hagiotopônimos aparentes** (nomes de inspiração política, ex. Rio São Luiz – homenagem a um padre).

Já em Francisquini (1998), encontra-se o acréscimo das seguintes taxas:

- (a) **Acronimotopônimos** (topônimos formados por siglas);
- (b) **Estamatotopônimos** (topônimos relacionados aos sentidos, ex. *Seringal Vista Alegre*);
- (c) **Grafematopônimos** (topônimos formados por letras do alfabeto, ex. *Avenida D*);
- (d) **Higietopônimos** (topônimos relativos à saúde, à higiene, ao estado de bem estar físico, ex.), e;
- (e) **Necrotopônimos** (topônimos relativos ao que é ou está morto, a restos mortais, ex. *Colocação Cova da Onça*).

OS PROJETOS: ASPECTOS METODOLÓGICOS COMUNS

Os dados

Os dados que constituem os corpora das pesquisas estão sendo coletados em folhas cartográficas oficiais, disponibilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pelas Secretarias Estaduais do Meio Ambiente (SEMA) – do Estado do Acre e do Estado do Ceará -, e pelo Ministério do Exército. Eventualmente, para fins de confirmação, são consultados alguns sites da Web e obras de teor histórico.

Os referidos itens, inicialmente, são agrupados de acordo com o tipo de acidente geográfico. Em seguida, procede-se à catalogação.

A catalogação dos dados

Os itens levantados estão sendo catalogados em fichas lexicográfico-toponímicas, elaboradas a partir das instruções do Projeto ATB (Atlas toponímico do Brasil) e do Projeto ATESP (Atlas Toponímico de São Paulo), da Universidade de São Paulo (USP), coordenados pela professora Dra. Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. Cada ficha lexicográfico-toponímica apresenta as seguintes informações:

- a) a localização,
- b) o topônimo,
- c) o acidente geográfico (A.G.),
- d) o tipo de acidente,
- d) a classificação do topônimo,
- e) a etimologia,
- f) a entrada lexical, entre outros itens considerados relevantes para a pesquisa.

Para o preenchimento dos itens de classificação e variação lexical, é utilizado o modelo taxionômico proposto por Dick (1992), que considera o nome específico do *sintagma denominativo*, para usar a terminologia de Dick (1990, p. 24). No sintagma toponímico, o

primeiro elemento tem a finalidade de definir a classe genérica e o segundo, de definir o elemento específico, que será o alvo do estudo toponímico.

Por exemplo, no sintagma *Seringal Goiás*, o primeiro elemento – *Seringal* – é o elemento genérico (que inclui o topônimo na categoria de acidentes geográficos humanos), e o segundo – *Goiás* –, é o elemento portador da substância do conteúdo (que insere o topônimo na categoria de *corotopônimo*, cuja motivação é de *natureza antroponímico-cultural*).

Para a classificação toponímica leva-se em consideração, principalmente, o modelo taxionômico de Dick (1992), composto de 27 (vinte e sete) taxes: 11 (onze) de natureza física (motivados por aspectos relacionados ao meio ambiente) e 16 (dezesesseis) de natureza antroponímico-cultural (motivados por aspectos relacionados aos aspectos sócio-histórico-culturais), conforme apresentados anteriormente.

Os procedimentos metodológicos

Como já foi assinalado, estas pesquisas objetivam apresentar o perfil toponímico das áreas selecionadas (Estado do Acre e Estado do Ceará), através da recuperação dos aspectos motivadores refletidos na nomeação dos respectivos acidentes humanos e dos acidentes físicos, partindo-se das seguintes hipóteses:

- 1) o signo lingüístico, em função toponímica (o topônimo), é influenciado por fatores extralingüísticos: características físico-geográficas e particularidades sócio-histórico-culturais da região;
- 2) os topônimos dos acidentes humanos são motivados, principalmente, por fatores de natureza antroponímico-cultural, já que essas nomeações, geralmente indicadas por pessoas de prestígio da região, procuram homenagear pessoas com significativo valor sócio-histórico;
- 3) os topônimos dos acidentes físicos são motivados, principalmente, por fatores de natureza física, já que essas nomeações, na maioria das vezes, procuram evidenciar características físico-geográficas do ambiente;

Assim, para alcançar os objetivos propostos e confirmar ou

refutar as hipóteses da pesquisa, adotam-se os seguintes passos metodológicos:

- a) levantamento dos dados;
- b) catalogação dos dados nas fichas lexicográfico-toponímicas;
- c) busca dos possíveis fatores motivacionais inerentes aos sintagmas toponímicos;
- d) divisão dos topônimos coletados de acordo com a natureza toponímica e a categoria taxionômica a que pertencem;
- e) distribuição percentual das categorias toponímicas, para , a partir da quantificação, verificar qual fator motivacional prevalece com relação aos acidentes humanos e com relação aos acidentes físicos;
- f) busca de possíveis estratos lingüísticos na nomenclatura selecionada, e;
- g) apresentação de discussões sobre as características gerais da realidade toponímica das regiões destacadas, tanto no âmbito taxionômico quanto no âmbito etno-dialetológico.

A análise dos dados

Os dados são analisados seguindo-se as orientações de Dick (1992, 1996), que considera dois pontos de vista: o taxionômico, que envolve as 27 (vinte e sete) classificações apresentadas no capítulo anterior (cf. Quadros 02 e 03), e o aspecto lingüístico, que envolve o campo etno-dialetológico e o histórico-cultural. O primeiro campo, que se refere às influências que o signo toponímico¹ recebe das camadas portuguesa, indígena ou africana, será observado apenas em relação aos termos gerais e aos acidentes físicos.

Para a análise etimológica são consultadas, principalmente, as obras de Sampaio (1928), Cardoso (1961), Tibiriçá (1984), Bueno (1986), Cunha (1986), Cunha (1999), entre outras.

¹ Nesta pesquisa, empregam-se os termos *topônimo*, *signo toponímico* e *sintagma toponímico* como equivalentes.

Para a análise da estrutura lingüística dos topônimos, é adotada a orientação de Dick (1992), segundo a qual, o nome próprio de lugar, no que se refere à sua formação, normalmente apresenta dois elementos principais: o *termo* (ou *elemento*) *genérico* – relacionado com o acidente geográfico que está sendo nomeado, por exemplo, município, rio etc. –, e o *termo* (ou *elemento*) *específico* – que é o topônimo propriamente dito. Contudo, como explica a autora, na formação dos sintagmas toponímicos esses dois elementos podem aparecer justapostos ou aglutinados entre si, ou mesmo individualmente.

Ainda segundo Dick (1992, p. 10-14), na estruturação morfológica dos toponomásticos podem ser encontrados: o topônimo ou elemento específico simples, o topônimo composto ou elemento específico composto, e o topônimo híbrido ou elemento específico híbrido, se forem formados por um ou mais de um elemento formador, ou por elementos lingüísticos de diferentes procedências.

A priori, poucas diferenças são observadas entre as análises dos projetos referidos. Talvez a mais saliente seja quanto aos tipos de acidentes que compõem uma e outra paisagem. Por exemplo, no Acre vemos a existência de seringais, colocações, ramais; e no Ceará, as praias. Elementos que estão em uma área e na outra, não.

Outra observação interessante é a influência da cultura cearense na nomenclatura geográfica acreana – especialmente no que diz respeito aos seringais e às colocações.

Veja-se, por exemplo: *Seringal Mucuripe* ou *Seringal Quixadá*, cujos elementos específicos fazem referência a localidades cearenses.

Este fato encontra explicação na história do processo de formação territorial e humana do Acre, que teve seus primeiros desbravadores (colonizadores) oriundos do Ceará.

RESULTADOS QUANTITATIVOS DOS PROJETOS

Embora enfrentando todas as dificuldades para avançar, os projetos em tela já contam com um número razoável de topônimos analisados. No caso do Projeto ATEC, contamos atualmente com

três pesquisadores voluntários residentes em Fortaleza, que têm mostrado grande esforço para o desenvolvimento da pesquisa.

Para o ATAQB, dispomos de apenas um bolsista de iniciação científica, a cada semestre, para auxiliar no desenvolvimento do projeto.

O Quadro 03, a seguir, apresenta o resultado quantitativo do estágio atual das duas pesquisas:

Quadro 03: Resultados preliminares dos projetos

	TOPÔNIMOS COLETADOS	TOPÔNIMOS CATALOGADOS	TOPÔNIMOS ANALISADOS
Projeto ATAQB	874	460	350
Projeto ATEC	397	310	190

Fonte: Pesquisa direta.

PARA CONCLUIR

O presente trabalho objetivou traçar o perfil teórico-metodológico em que se assentam os *Projetos Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira* e *Atlas Toponímico do Estado do Ceará*, atualmente em desenvolvimento sob nossa coordenação – o primeiro vinculado à *Universidade Federal do Acre* (UFAC), cadastrado no *Centro de Estudos dos Discursos do Acre* (CEDAC); e o segundo sem vínculo institucional, estando em operacionalização por uma equipe de pesquisadores voluntários, residentes em Fortaleza/CE.

De um modo geral, a descrição exposta mostra que ambas as pesquisas seguem uma linha comum, tanto no que se refere aos fundamentos teóricos adotados, quanto aos aspectos metodológicos que guiam os estudos. Algumas diferenças serão observadas em relação aos tipos de acidentes geográficos analisados, uma vez que no Acre estão presentes seringais, colocações, ramais – que não encontramos na paisagem cearense. E, em contrapartida, no Ceará temos as praias, que não constam em território acreano.

Por fim, apresentamos um quadro que resume o estágio atual das duas pesquisas, salientando as dificuldades que enfrentamos para

o avanço dos resultados – destacadamente, quanto ao número de pesquisadores envolvidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, S. *Vocabulário tupi-guarani/português*. São Paulo: Brasili-
livros, 1986.

CARDOSO, A. L. *Toponímia brasílica*. Rio de Janeiro: Biblioteca
do Exército, 1961.

CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da lín-
gua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

———. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem
tupi*. São Paulo: Melhoramentos, 1999.

DICK, M. V. de P. do A. *A motivação toponímica: princípios teóri-
cos e modelos taxionômicos*. São Paulo: 1980. Tese (Doutorado) -
USP.

———. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Pau-
lo: Arquivo do Estado, 1990.

———. *Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos*.
São Paulo: FFLCH/USP, 1992.

———. Atlas toponímico: um estudo de caso. *Acta Semiótica et
Linguística*, 1996.

FRANCISQUINI, I. de A. *O nome e o lugar: uma proposta de estu-
dos toponímicos da microrregião de Paranaval*. Londrina, 1998. Dis-
sertação (Mestrado) - UEL.

ISQUERDO, A. N. *O fato lingüístico como recorte da realidade só-
cio-cultural*. São Paulo: 1996. Tese (Doutorado) – Universidade Es-
tadual Paulista.

———. *A toponímia como signo de representação de uma realida-
de*. *Fronteiras – revista de História (UFMS)*, 1997, 1(2): 27-46.

LIMA, I. A. de. A motivação religiosa dos topônimos paranaenses.
In: *Estudos lingüísticos – XLV Seminário do GEL*. Campinas: U-
NICAMP, 1997

SAMPAIO, T. *O tupi na geografia nacional*. São Paulo: Nacional, 1987.

SOUSA, A. M. de. *Desbravando a Amazônia Ocidental Brasileira: estudo toponímico de acidentes humanos e físicos acreanos*. Fortaleza. Tese de doutorado. Universidade Federal do Ceará, 2007, 120 p.

TIBIRIÇÁ, L. C. *Dicionário tupi-português*. São Paulo: Traço, 1984.